Extrema direita, Miguel Arraes e a PUC

A extrema direita de São Paulo promete uma noite de São Bartolomeu, em reiteradas ameaças feitas a cientistas e intelectuais, que tomam por comunistas. O cientista Mário Schemberg, o artista Mário Gruber e o empresario e bibliófilo José Mindlin são alguns dos alvos dessa facção, que vez ou outra reaparece, mas nunca é identificada, por mais que se exponha. À sombra de algum poder misterioso que a projeta, essa falange lança bombas, telefona, ameaça e invade domicilios. Sería o caso de indagar aos órgãos de segurança, que sempre proclamaram sua eficiência, por que sempre ficaramçomo certamente ainda vão conti-

nuar, inativos.

A resposta provavelmente não virá da polícia. Estará, para quem se dispõe à meditação de maior alcance, na ambiência como à que impediu o sr. Miguel Arraes de falar na PUC do Rio de Janeiro. A reação, num e outro episódio, tem inegável parentesco na intolerância que os alimenta. Ha uma área, outrora poderosa, outrora protegida, que não se conforma com a divergência e com o dissidio. Preocupada com Ò monólogo, a ele quer chegar pela violência ou pela negação do debate. O sr. Miguel Arraes está no pleno de seus direitos políticos e, sempre que convidado, tem o direito de falar sem restrições que lhe tolham a voz. A direção da PUC pre-tendia que ele só se expressasse para duzentas pessoas, quando uma multidão dez vezes superior se congregou para ouvi-lo. Que temores terão inspirado o assustado vice-reitor, sobretudo depois que se tornaram publicas as posições do ex-governador? Temeria o censor uni-versitário a palavra explosiva? Se esses são os seus medos, está longe tal universidade da livre discussão, que deveria ser a base do ensino su-

SÁBADO 20 DE OUTUBRO DE 197

perior.

